

DOCUMENTOS EM ESTADO DE ARQUIVO FAMILIAR: A CONSTRUÇÃO DE ARQUIVOS E A EDUCAÇÃO HISTÓRICA

Elenice Elias*

RESUMO: A presente pesquisa situa-se na área de investigação histórica onde se organizou arquivo simulado com material escolar para compreender e relacionar a educação em vários tempos e espaços históricos, apreendendo suas várias finalidades. Buscou-se levantar informações acerca dos conhecimentos prévios dos alunos em relação à educação em outros tempos e espaços históricos. As narrativas produzidas pelos educandos revelaram-se, de um lado, uma apreensão do passado como algo sem dimensões, ou seja, planificado. De outro, uma percepção ambígua do par passado/presente. Cabe, portanto, ao docente da Educação Histórica promover uma intervenção pedagógica que resulte numa aquisição efetiva de consciência temporal. Dentre os vários instrumentos pedagógicos bem sucedidos, salienta-se, a importância de se conhecer o que o educando previamente sabe sobre um determinado conteúdo e, sobretudo, a interferência adequada a favorecer a formação histórica. O arquivo simulado logrou tal êxito.

Palavras-chave: conhecimentos prévios, arquivo simulado e consciência histórica.

ABSTRACT: The present research is placed in the area of historical inquiry where if it organized archive simulated with pertaining to school material to understand and to relate the historical education in some times and spaces, apprehending its some purposes. One searched to raise historical information concerning the previous knowledge of the pupils in relation to the education in other times and spaces. The narratives produced for the educandos had shown, of a side, an apprehension of the past as something without dimensions, that is, designed. Of another one, an ambiguous perception of present the last pair/. It fits, therefore, to the professor of the Historical Education to promote an intervention pedagogical that results in an acquisition accomplishes of secular conscience. Amongst the some successful pedagogical instruments, salient, the importance of if knowing what educating previously knows on one definitive content and, over all, the adequate interference to favor the formation historical. The simulated archive cheated such success

Word-key: previous knowledge, simulated archive and historical conscience.

Em 2007 dois cientistas muito espertos criaram uma máquina do tempo e eu como tenho o gênio forte ou melhor mandão, decidi que queria ser a primeira a viajar. E foi o que aconteceu.

Primeiro fui a 1940, aprendi que naquela época (1940) não havia muitas lojas, coisas que os jovens de hoje trocam muito pelos estudos, porque preferem ir ao shopping do que ir à escola. E também que em 1940, os pais se preocupavam com os estudos dos filhos, ao contrário de hoje, porque os pais pensam que os filhos estando na escola já está ótimo.¹

* Professora graduada em História pela Universidade Federal do Paraná e professora do Ensino Fundamental da Prefeitura de Araucária

¹ Narrativa produzida por aluna da 5ª. Série do Ensino Fundamental de Araucária.

A citação supradita é a reflexão produzida por uma aluna de 11 anos do Ensino Fundamental. Tal narrativa foi resultado de uma experiência onde foram envolvidos alunos de uma 5ª. série da Escola Municipal Irmã Elizabeth Werka, situada no centro do município de Araucária PR, região metropolitana de Curitiba. O objetivo da mesma era o de organizar um arquivo simulado com material escolar para compreender e relacionar a Educação em vários tempos e espaços históricos, apreendendo as suas várias finalidades. O material escolar guarda a memória da educação. Diferentemente de outros documentos históricos ditos oficiais, que já têm garantido seu reconhecimento e sua significância, o material escolar possui uma singularidade que lhe é inerente, o fato de que o aluno é o autor ou co-partícipe de sua elaboração. Desta feita, se faz necessário a sua preservação na forma de um arquivo simulado.

A experiência foi iniciada com a investigação acerca dos conhecimentos prévios dos alunos. Optou-se por uma narrativa orientada composta por questões, quais sejam:

- Como você imagina a escola quando seus pais eram alunos?
- O que se aprendia na escola?
- Como você imagina a escola na antigüidade?
- O que se aprendia neste período?
- Comente sobre sua vida escolar.

Este direcionamento foi pensado para evitar uma visão do passado de modo planificado, sem dimensões. Ademais, como o tempo histórico é apreendido pelo aluno. Le Goff ressalta que “a oposição presente/passado não é um dado natural, mas uma construção”, e, sobretudo, essencial na aquisição da consciência do tempo. (LE GOFF, 2006, p.13)

As narrativas produzidas pelos alunos foram realizadas sem a interferência da professora. Em tais narrativas verificou-se: a compreensão do passado, por parte do aluno, recai, por um lado, na não distinção entre passado/recente de passado/longínquo. Como no caso da resposta de uma aluna: “A escola na antigüidade era uma escola pequena e tinha menos crianças e adolescentes nas ruas”. Ou ainda, “na antigüidade se aprendia história do Brasil”. E de outro lado, na sua relação com o passado, apreende-o, ora exaltando-o, ora depreciando-o. Eis alguns exemplos emblemáticos: para alguns alunos “escola era rigorosa, por isso funcionava bem; ensino mais difícil (melhor); não havia brigas, todas as crianças freqüentavam a escola; poucos alunos na sala; alunos educados”. Ou ainda, “se ensina menos; muitas crianças desistiam da escola para trabalhar; escolas distantes; professores batiam nos alunos; casa velha e pequena de madeira; não tinham carteiras, sentavam no chão; sem recursos; sem internet; ensino fraco”.

Para entender a ambigüidade do par passado/presente, Le Goff evoca que:

O estudo do par antigo/moderno passa pela análise de um momento histórico que segrega a idéia de “modernidade” e, ao mesmo tempo, a cria para denegrir ou exaltar – ou simplesmente, para distinguir e afastar – uma “antigüidade”, pois tanto se destaca uma modernidade para promovê-la como para vilipendiá-la”.(LE GOFF, 2006, p.176)

E ainda em Le Goff, “a distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. É, pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência históricas”. (LE GOFF, 2006, p.207)

A elaboração cognitiva do tempo será o objetivo a ser buscado após o resultado das narrativas produzidas pelos alunos. Para tal empreitada, iniciou-se a intervenção pedagógica em que consistia num primeiro contato com documentos em estado de arquivo familiar de propriedade da professora. Este arquivo compreendia o material escolar, especialmente, cadernos de sabatinas onde havia algumas “composições” elaboradas por uma estudante de 13 anos em 1940.² Após o contato, se propôs que em grupo, se fizesse uma leitura exploratória dos documentos seguida de uma apresentação das percepções destes grupos acerca da educação em 1940 a partir da perspectiva de uma estudante de 13 anos. Esta iniciativa de utilizar tais documentos foi com o intuito de provocar uma mobilização nos alunos que resultasse numa empatia histórica. Desta feita, a atividade que se seguiu, a preparação de entrevistas com ex-alunos, onde as perguntas para os entrevistados deveriam ser elaboradas a partir das inquietações que surgiram com o material escolar da adolescente em 1940. Estas entrevistas eram ao mesmo tempo um pretexto para solicitar material escolar dos ex-alunos para a organização de um arquivo simulado. Ocorreu assim, a apresentação das entrevistas e exposição de materiais trazidos pelos alunos, dentre tantos, cadernos, boletins, fotografias e avaliações de um tempo escolar dos entrevistados.

Outro encaminhamento levado a cabo, foi o uso de fontes historiográficas que remetiam a um passado mais longínquo, permitindo um deslocamento temporal e espacial que remontavam à educação greco-romana, ao Brasil Império (1822-1889) e outras tantas trazidas pelos alunos para a confecção de um jornal-mural.³

² A professora disponibilizou seu arquivo familiar, onde se incluía material escolar (cadernos, boletins, Certificado de conclusão etc.), para despertar nos alunos o interesse pelo passado. Este material fora de sua mãe, e além do seu valor sentimental, se prestaria a causar a empatia nos alunos mobilizando-os para tal desafio. Dentre as várias “composições” foram selecionadas algumas para fazerem parte das atividades desenvolvidas em sala, quais sejam: Ocupação da tarde, Pequeno inquérito, A escola, Trajeto da escola, Meu quarto de dormir e Festa de inauguração do novo grupo escolar.

³ Para aumentar o repertório de informações sobre a Educação foram utilizados textos sobre a vida de Licurgo, dando conta de aspectos próprios da formação da criança em Esparta, bem como, a vida das crianças de elite durante o Brasil Império (1822-1889), explorando a especificidade da infância e controvérsias entre educação e instrução. Afora, informações trazidas pelos alunos da educação na antigüidade para confecção do jornal-mural.

Diante de uma gama variada de abordagens sobre a educação, optou-se pela elaboração de uma Linha do Tempo.

Foi solicitado, por fim, aos alunos que produzissem uma narrativa com a seguinte orientação:

“Imagine que você é dono (a) de poderes especiais e pode se deslocar no tempo. E nesta viagem temporal pode perceber como era a educação em outros tempos históricos. Faça esta viagem e nos conte o que aprendeu sobre Educação”.

Para verificar a estrutura das narrativas buscou-se os marcadores de temporalidade.

MARCADORES DE TEMPORALIDADE CATEGORIAS DE ANÁLISE PARA NARRATIVAS HISTÓRICAS

	1ª. Narrativa	2ª. Narrativa
LOCALIZAÇÃO TEMPORAL/ESPACIAL	<p>“Naquele tempo...”</p> <p>“Era uma escola muito diferente”.</p> <p>“Em Atenas eram filhos de ricos e cidadãos da cidade que podiam ir à escola”.</p> <p>(4 registros)</p>	<p>“Onde eu estou? Já sei! É a Escola Complementar Primária de Rio Negro, o colégio da mãe da minha professora, no ano de 1940”.</p> <p>“Eu fui para 1985 quando minha mãe tinha 12 anos...”.</p> <p>“Fiz uma máquina e consegui viajar no tempo, me desloquei para o ano de 1959, no ano em que minha avó estava na escola”.</p> <p>“Era cristã, ano 95, em Roma. Chegando lá o pai de família na educação dos filhos...”.</p> <p>“Em Esparta Antiga, a educação dos meninos era...”</p> <p>(71 registros)</p>
CONTINUIDADE/SEMELHANÇA	<p>“As mesmas coisas que se aprende agora, mas numa forma diferente”.</p> <p>“Estudavam sobre o descobrimento do Brasil na antiguidade”.</p> <p>“Além das matérias iguais às nossas, em todas as escolas estudavam religião”.</p> <p>(25 registros)</p>	<p>“... mas eles (espartanos) também aprendiam a ler e escrever...”</p> <p>“Eu também fui para a Grécia Antiga. A escola romana era idêntica à escola grega. Os primeiros anos um professor ensina a um pequeno grupo de estudantes (6 no máximo)”.</p> <p>“Minha avó (1959) e minha mãe (1985) estudavam português, matemática, geometria, artes, física, história, geografia, etc.”.</p> <p>(20 registros)</p>
RUPTURA/DIFERENÇA	<p>“... com algumas diferenças, pois em Atenas os filhos de cidadão e estrangeiros que tinham dinheiro aprendiam aula de música...”</p> <p>“Eu acho, que se aprendia menos coisas que se aprendem hoje...”</p> <p>“Eles ensinavam a cultura colocavam regras e as crianças obedeciam”.</p> <p>(21 registros)</p>	<p>“... em 1940 numa escola de Rio Negro, os alunos eram educados e chamavam os professores de mestres, coisa que os alunos hoje não fazem”.</p> <p>“Então eu fui para a Esparta Antiga então eu percebi que a escola de 2007 é adequada para nós e lá em Esparta Antiga a escola era um tipo de exército e lá os professores estimulavam os alunos a brigar e hoje é proibido agressões físicas”.</p> <p>“... a professora estava ensinando em 1971 uma matéria chamada Estudos Sociais nós conhecemos como Geografia e História!”</p> <p>“No Brasil Império descobri que as moças estudavam muito pouco que estavam mais preocupadas em estudar para cuidar da casa e descobri que geralmente eram seus pais que escolhiam seus maridos ao contrário de hoje”.</p> <p>(72 registros)</p>

O resultado final das reflexões produzidas pelos alunos se deve à metodologia adotada, ou seja, a investigação dos conhecimentos prévios aliada a outros instrumentos de intervenção, e dentre os vários bem sucedidos, salienta-se aqui, a organização de um arquivo simulado com material escolar. Pois, segundo Mattozzi:

Trata-se então de achar soluções não ocasionais, mas estruturadas para uma exigência voltada a favorecer a formação histórica, a valorização dos arquivos e de suas funções e a promoção do conhecimento histórico na sociedade. É, portanto tarefa da pesquisa didática inventar horizontes, possibilidades e instrumentos, de maneira que os arquivos que estão a serviço da história possam ter uma forte incidência sobre a formação histórica e cívica. (MATTOZZI, 2004, p.16)

Sendo assim, a organização do arquivo simulado utilizando o material escolar teve uma significância peculiar, especialmente, porque o aluno de uma 5ª série sentiu-se protagonista e inserido numa história universal.

Os alunos identificaram o “quando” e o “onde” e passaram a utilizá-los se apropriando assim, de uma linguagem mais adequada para uma narrativa histórica.

As ampliações quantitativas e, sobretudo, qualitativas dos resultados obtidos indicam uma percepção da Escola e, por conseguinte, da Educação, por parte do aluno, como uma instituição perene que mantém algumas características a despeito do tempo. Contudo, em alguns aspectos, mudanças lhes foram imputadas para garantir sua sobrevivência.

Outro dado significativo foi à superação de uma visão ambígua do presente/passado, onde o passado é apreendido como diferente ou semelhante e não pior ou melhor que o presente.

Destaca-se ainda que, o aluno de 11 anos de uma 5ª série é capaz de pensar historicamente, pois, “olhar para o passado” resultou numa reflexão do presente e, sobremaneira, a aquisição de uma consciência histórica. Pois, para Rüsen:

Esa competencia puede definirse como la habilidad de la conciencia humana para llevar a cabo procedimientos que dan sentido al pasado, haciendo efectiva una orientación temporal em la vida práctica presente por medio del recuerdo de la realidad pasada. (RÜSEN, 1992, p. 28)

Ademais, quando o aluno se reporta ao passado para explicar uma situação do presente, denota assim, um esforço de compreensão histórica. E ao estabelecer esta relação, o faz já na perspectiva de construção de uma narrativa constitutiva de uma consciência histórica.

A segunda viagem foi à Grécia Antiga. Lá entendi que a educação entre meninos e meninas não era igual. Os meninos estudavam, ou melhor, eram treinados para trabalharem juntos e a obedecer à chefia, o garoto que era o mais inteligente da tropa era o agressor. Já quando cresciam, tinham um tratamento mais severo, raspavam a cabeça, andavam descalços, brincavam nus a maior parte do tempo. Aprendiam ler e escrever somente o necessário. As mulheres aprendiam a como ter filhos saudáveis e também como cuidar da casa. Hoje, já é bem diferente, sendo menino ou menina tem a mesma educação. (Pelo menos na escola).⁴

Finalmente, é no âmbito da relação professor/aluno, no comprometimento daquele com novas possibilidades de ensinar história, a este aprender história e ambos favorecidos pela formação da consciência histórica e crítica. Desta feita, o papel do docente é o de uma constante reflexão, interrogação e construção de práticas que melhorem o processo ensino-aprendizagem. E é nesta constante busca de novas experiências educativas, que a educação histórica se “reabilitará”.

Para que a prática de sala de aula adquira “o cheiro bom do frescor”, é preciso que se assumam definitivamente os desafios que a educação histórica enfrenta hoje em dia. Seria uma das maneiras de se contribuir para que os educandos se tornassem conhecedores da pluralidade de realidades presentes e passadas, das questões do seu mundo individual e coletivo, dos diferentes percursos e trajetórias históricas. Os educandos poderiam adquirir a capacidade de realizar análises, inferências e interpretações acerca da sociedade atual, além de olhar para si e ao redor com olhos históricos, resgatando, sobretudo o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos e a vida cotidiana de cada um, no presente e no passado. (SCHMIDT, 2002, p.65)

BIBLIOGRAFIA

- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Trad. Bernardo Leitão...et al. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2006.
- MATTOZZI, Ivo. Arquivos simulados e didática da pesquisa histórica: para um sistema educacional integrado entre arquivos e escolas. 2004. Bastia Umbra.
- SCHMIDT, M. A. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, c. (org.) O saber histórico na sala de aula. SP, Contexto, 2002.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora, GARCIA, Tânia Maria F. Braga. Consciência histórica e crítica em aulas de História. Cadernos Paulo Freire. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. volume IV.
- RÜSEN, Jorn. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. Trad. Silvia Finocchio. Propuesta Educativa, Buenos Aires, n.7, out. 1992.

⁴ Narrativa produzida por aluna da 5ª Série do Ensino Fundamental de Araucária.